

COMÉRCIO E SEGURANÇA ALIMENTAR GLOBAL

Ampliar o comércio internacional é uma das melhores alternativas para mitigar a crescente insegurança alimentar e nutricional no planeta

Autores

INSPER: Marcos Jank¹, Leandro Gilio², Marcos Abdalla³, Victor Cardoso⁴

IICA: Joaquín Arias⁵, Eugenio Diaz-Bonilla⁶, Karla Vega⁷, Milagros Conislla⁸, Eugenia Salazar⁹.

Desde a eclosão da pandemia da covid-19 em 2020, verifica-se globalmente uma escalada da insegurança alimentar, com o mundo atingindo cerca de 735 milhões de pessoas em situação de desnutrição, segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO, 2024). Situações de acirramento geopolítico em várias regiões, como guerras, restrições e disputas comerciais, têm agravado esse contexto, prejudicando os sistemas agroalimentares e gerando alta nos preços dos alimentos, o que ocasiona maiores dificuldades de acesso à nutrição de qualidade para as populações mais vulneráveis do mundo.

Este documento, elaborado em parceria pelo Insper Agro Global e pelo Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA), foca nesse contexto, reunindo dados sobre desnutrição e questões alimentares globais e destacando a relevância do comércio internacional e da manutenção dos fluxos de comércio na garantia da segurança alimentar em diversas regiões do mundo. Ao final, são destacadas recomendações e ações necessárias para enfrentar alguns desses desafios para garantir maior acesso a alimentos e dietas saudáveis. O material reunido neste relatório foi apresentado no dia 11 de junho em sessão plenária na terceira reunião do Grupo de Trabalho de Agricultura do G20, realizada em Brasília, com representantes do setor privado e delegados de 19 países e da União Europeia.

¹ Professor sênior e coordenador do Insper Agro Global

² Professor e pesquisador do Insper Agro Global

³ Assistente de pesquisa do Insper Agro Global

⁴ Pesquisador do Insper Agro Global

⁵ Coordenador do Observatório de Políticas Públicas para Sistemas Agroalimentares (OPSAa) do Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA).

⁶ Assessor Especial do Diretor Geral do IICA

⁷ Consultora do OPSAa-IICA

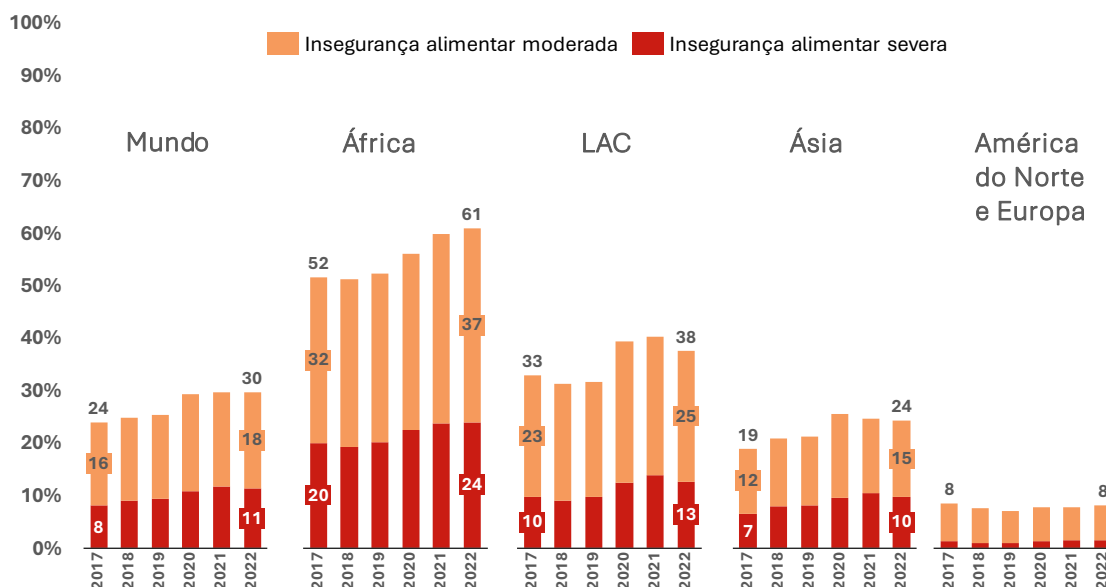
⁸ Consultora, Programa de Comércio Internacional e Integração Regional, IICA

⁹ Especialista técnico do OPSAa-IICA

1. Panorama global da segurança alimentar e nutricional

Segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), em 2022, cerca de 30% da população mundial poderia estar associada a algum grau de insegurança alimentar¹⁰, em níveis moderado¹¹ ou severo¹². Sob uma perspectiva regional, a África registra a maior prevalência de indivíduos nessa condição, com mais da metade da sua população com algum nível de insegurança alimentar, seguida da América Latina (LAC) e Ásia. Embora a América do Norte e a Europa apresentem níveis baixos de insegurança alimentar em comparação com outras regiões, o aumento deste problema, principalmente a partir de 2019, é um ponto de congruência global, tendo a pandemia como o fator central desse incremento, agravado pelo contexto de guerras posteriores.

Figura 1. Prevalência de insegurança alimentar severa ou moderada, por regiões (em % da população total)



Fonte: Elaborado pelo Insper Agro Global com base nos dados da FAOSTAT (2024). Nota: LAC faz referência a América Latina e Caribe.

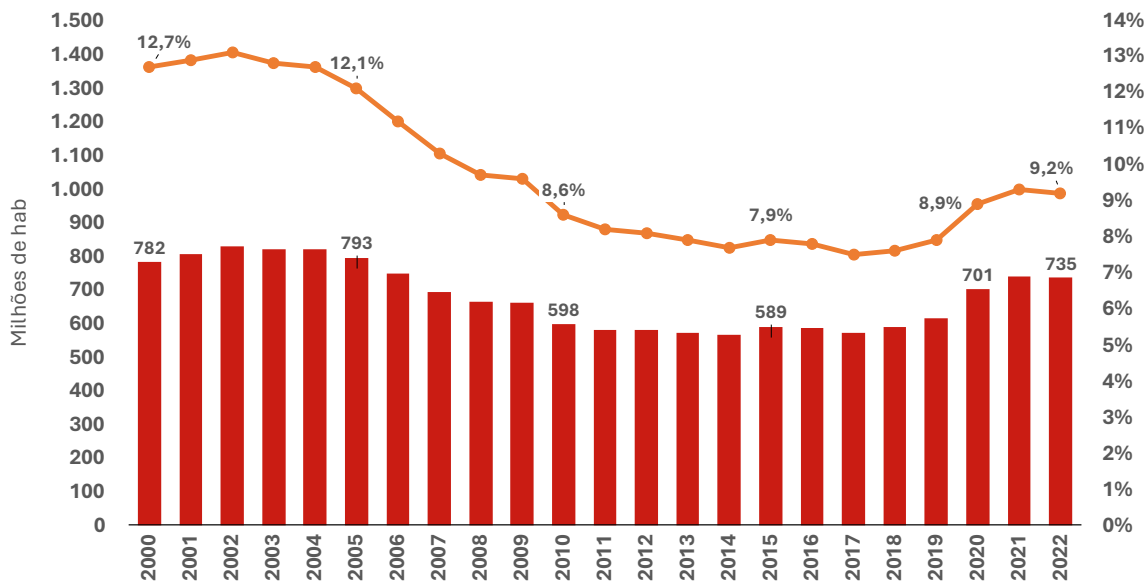
¹⁰ Insegurança alimentar é definida pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) como a "situação em que as pessoas não têm acesso seguro a quantidades suficientes de alimentos seguros e nutritivos para o crescimento e desenvolvimento normais e uma vida ativa e saudável". A insegurança alimentar pode ser causada por vários fatores: os alimentos podem estar fisicamente indisponíveis em um determinado país ou região, podem ser inacessíveis mesmo que estejam disponíveis para compra ou pode haver uma distribuição desigual de alimentos entre os membros da família. Para mais informações técnicas: <https://www.fao.org/hunger/en/#:~:text=What%20is%20food%20insecurity%3F,of%20resources%20to%20obtain%20food.>

¹¹ A insegurança alimentar moderada está geralmente associada à incapacidade de comer regularmente dietas nutritivas e saudáveis e ocorre quando o acesso é incerto. É um importante indicador de má qualidade da dieta e um alto risco de deficiências de micronutrientes. Para mais informações técnicas: <https://www.fao.org/hunger/en/#:~:text=What%20is%20food%20insecurity%3F,of%20resources%20to%20obtain%20food.>

¹² A insegurança alimentar severa está mais fortemente relacionada à quantidade insuficiente de alimentos (calorias) e, portanto, mais fortemente relacionada à desnutrição ou à fome. Para mais informações: <https://ourworldindata.org/food-insecurity>

A Desnutrição¹³ é um índice calculado pela FAO para medir a suficiência da ingestão de energia (calorias) e é comumente utilizado como referência para medir o que se define como “fome”. A figura 3 mostra a evolução do número de habitantes em desnutrição, na qual, a partir de 2004, o mundo teve grandes avanços na redução de desnutrição no planeta. Porém, de 2019 em diante, nota-se um contínuo aumento devido à pandemia e suas consequências econômicas, também agravadas por guerras e questões geopolíticas mais recentes, atingindo, em 2022, cerca de 735 milhões de habitantes em situação de desnutrição no mundo.

Figura 2. Número total de pessoas em situação de desnutrição (milhões de habitantes e a porcentagem sobre o total da população)

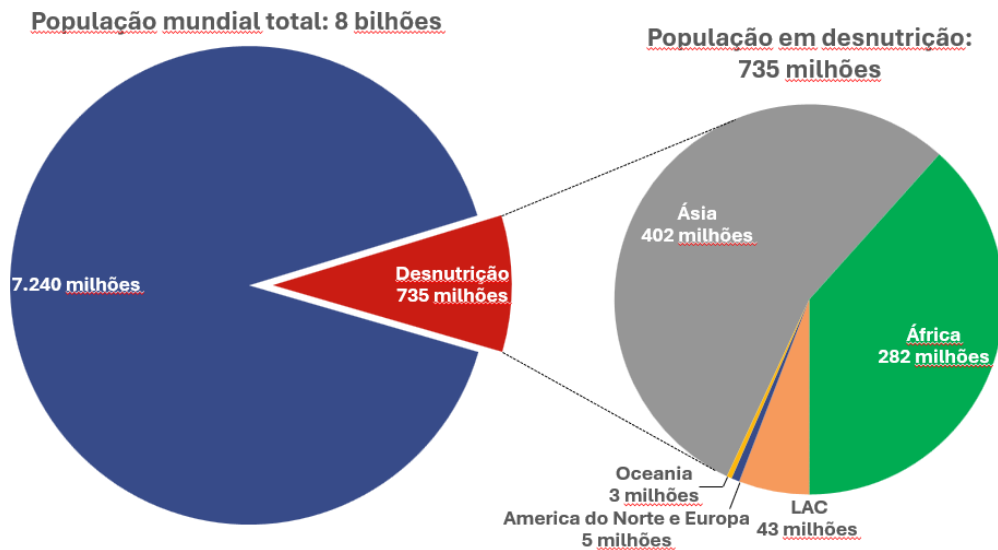


Fonte: Elaborado pelo Insper Agro Global com base nos dados da FAOSTAT (2024).

Entre os 735 milhões de habitantes em desnutrição, mais da metade, ou 402 milhões, estão localizados no continente asiático, seguidos pela África, com 282 milhões de desnutridos. A África apresenta maior prevalência de pessoas em desnutrição (em percentual de população), mas a Ásia apresenta maior número de habitantes em absoluto (ver Figuras 1, 3 e 4). Juntos, os dois continentes correspondem a aproximadamente 92% do total da população em desnutrição no mundo.

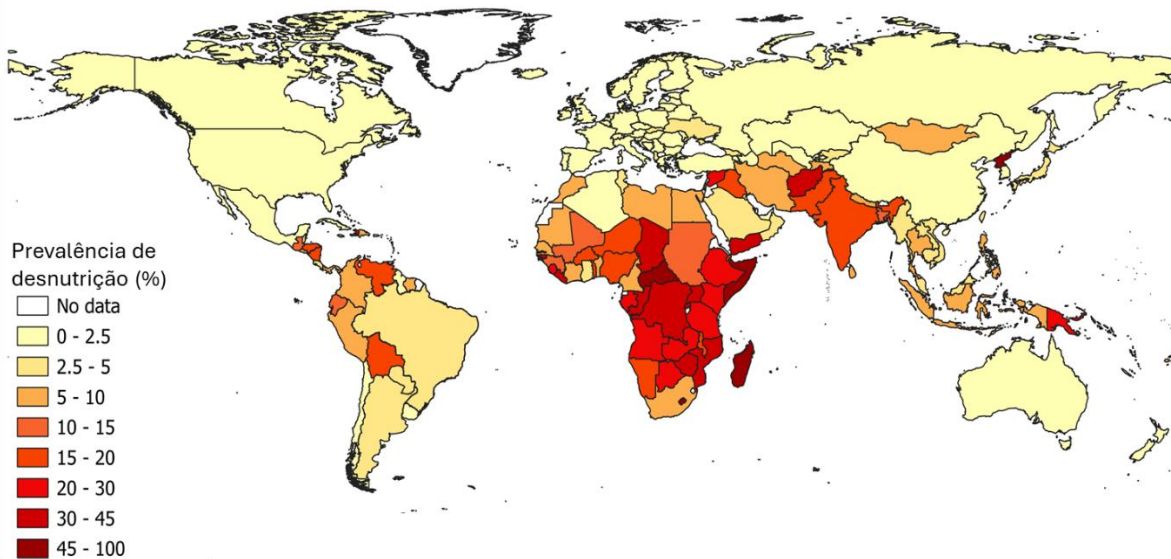
¹³ A desnutrição é o principal indicador utilizado pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) para medir a extensão da oferta de alimentos e da nutrição. Muitas vezes é usado de forma intercambiável com o termo "fome". A desnutrição é determinada unicamente pela suficiência da ingestão de energia (calorias), não considerando a qualidade ou a diversidade da dieta de alguém. Isso significa que é apenas um componente da desnutrição: um termo mais amplo que também captura outros tipos de deficiências de nutrientes, como micronutrientes. Fonte: [Our World in Data](#)

Figura 3. Número total de habitantes em desnutrição e as regiões mais afetadas (em milhões de habitantes)



Fonte: Elaborado pelo Insper Agro Global com base nos dados da FAOSTAT (2024).

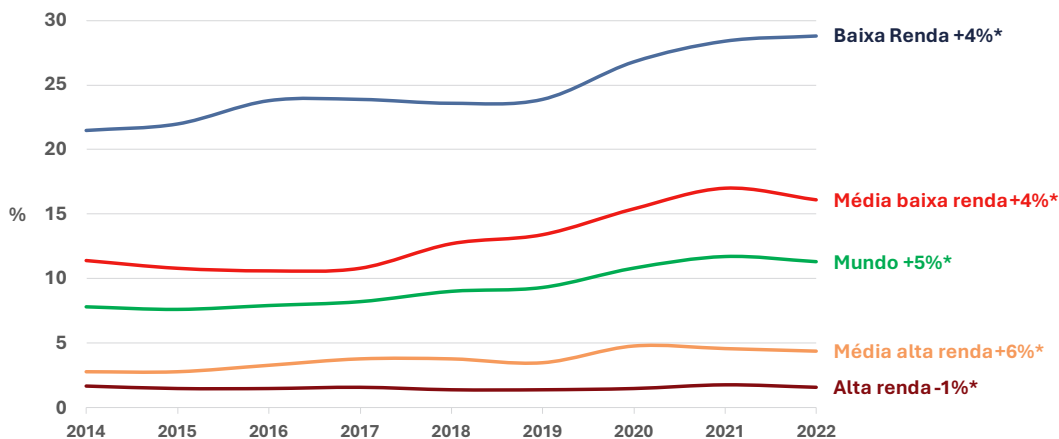
Figura 4. Mapa de prevalência de desnutrição sobre a população total (em percentual)



Fonte: Elaborado pelo Insper Agro Global com base nos dados da FAOSTAT (2024).

Uma das características da insegurança alimentar é sua relação direta com níveis de desenvolvimento econômicos dos países. Aqueles onde a população sofre com maior prevalência de insegurança alimentar severa são predominantemente países de baixa e média baixa renda, onde a população geralmente dedica a maior parte da sua renda à alimentação, mesmo assim tendo maior dificuldade de acesso a alimentos, principalmente aos de composição nutricional mais adequada e diversa, conforme dados que serão apresentados na próxima subseção.

Figura 5. Insegurança alimentar severa, por classe econômica (em % da população total e CAGR*)



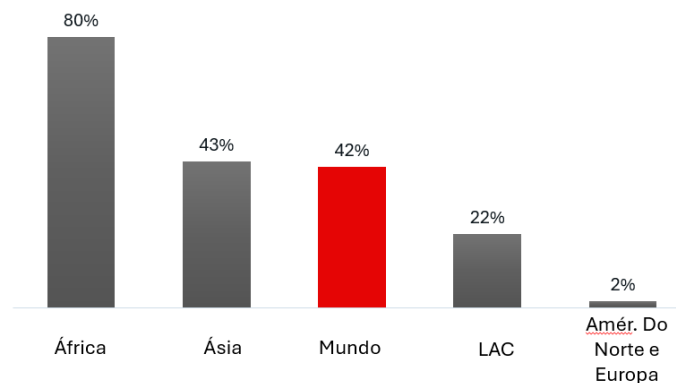
Fonte: Elaborado pelo Inspere Agro Global com base nos dados da FAOSTAT (2024). Nota: CAGR representa a taxa de crescimento anual

2. Fatores da segurança alimentar e nutricional

Um dos grandes drivers da insegurança alimentar é a dificuldade da população em acessar dietas consideradas saudáveis¹⁴. Estima-se que, em média, 4 de cada 10 indivíduos no mundo não conseguem acessar dietas consideradas saudáveis, sendo essa condição ainda mais preocupante na África, onde 80% da população sofre com essa restrição (Diaz-Bonilla, 2023).

Na América Latina e Caribe (LAC), estima-se que quase 22% da população não tenha renda suficiente para acessar uma dieta saudável. No entanto, diferenças importantes podem ser observadas dentro da LAC: no Caribe, influenciado especialmente pelo Haiti, mais da metade da população não acessa dietas saudáveis, uma porcentagem alarmante e maior do que a média global. As outras duas sub-regiões da LAC estão em melhores condições do que o restante dos grupos e continentes em desenvolvimento, embora apresentem piores indicadores do que os países desenvolvidos da América do Norte e Europa.

Figura 6. Parcela da população sem acesso a dietas saudáveis (valor em percentual)



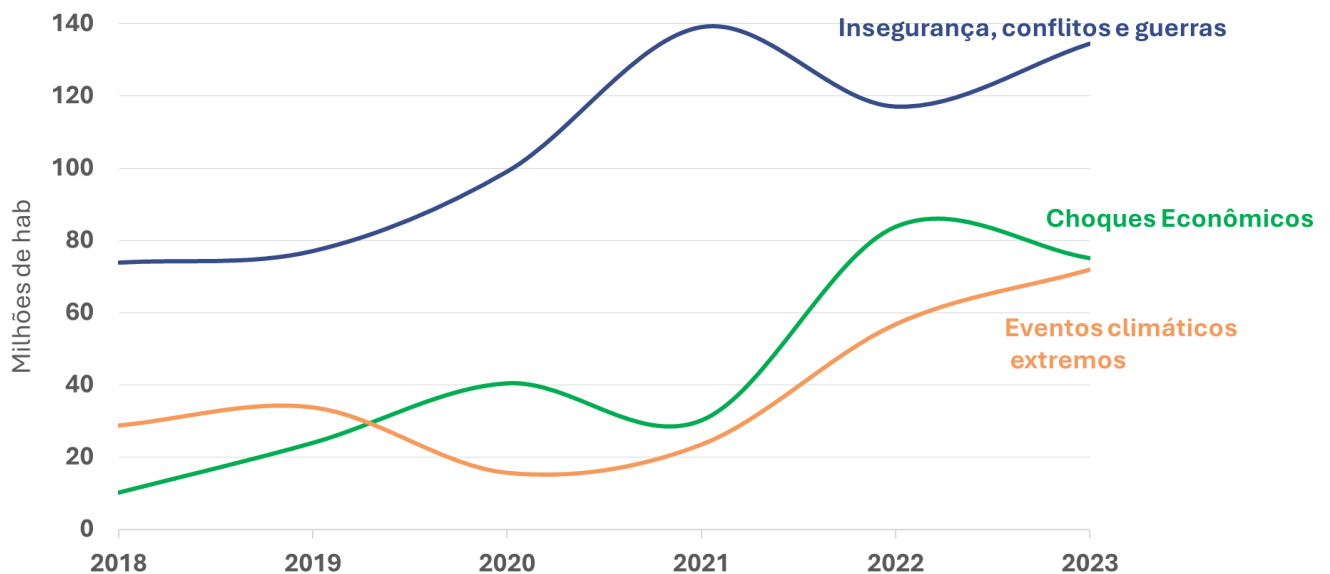
Fonte: Diaz-Bonilla (2023).

¹⁴ Uma dieta saudável é aquela que assegura o consumo adequado de calorias e, além disso, fornece os níveis necessários de nutrientes essenciais para uma vida saudável (Diaz-Bonilla, 2023)

De acordo com *The Global Report on Food Crises (2024)*, os principais fatores para o incremento da insegurança alimentar no mundo foram instabilidades políticas, choques econômicos e eventos climáticos extremos. A insegurança alimentar raramente é associada a um único fator, mas à interação entre eles e à pobreza subjacente, além de fragilidades estruturais e outros fatores de vulnerabilidade.

Instabilidades políticas (como guerras e conflitos) foram o principal fator de insegurança alimentar em vinte países, atingindo em 2023 cerca de 135 milhões de indivíduos e afetando diretamente o acesso e a disponibilidade de alimentos e a capacidade de lidar com outros choques. Em segundo lugar, os choques econômicos foram considerados o principal fator em 21 países, onde 75,2 milhões de pessoas enfrentaram altos níveis de insegurança alimentar. Isso marca uma diminuição em relação aos 27 países com 83,9 milhões de pessoas enfrentando altos níveis de insegurança alimentar em 2022, embora ainda seja mais do que o dobro dos números de 2019, antes de a covid-19 provocar grandes aumentos nos preços internos dos alimentos. Em 2023, choques climáticos foram os principais fatores em 18 países, onde quase 72 milhões de pessoas enfrentaram altos níveis de insegurança alimentar.

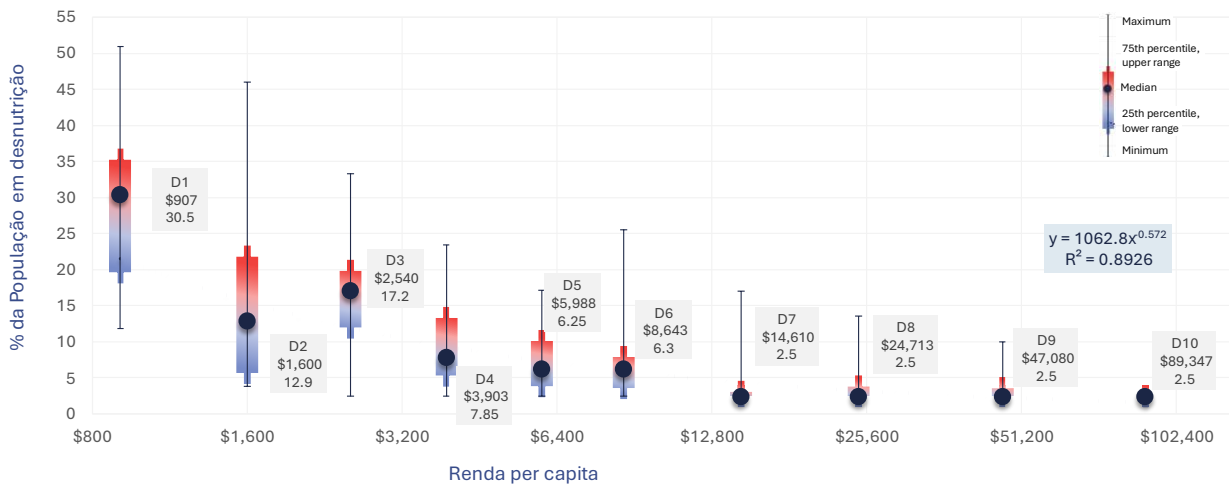
Figura 7. Principais fatores da insegurança alimentar no mundo (evolução em milhões de habitantes)



Fonte: Elaborado pelo Insper Agro Global com base nos dados do Global Report on Food Crises (2024).

A figura 8 mostra o que acontece quando comparamos renda per capita com a porcentagem da população com desnutrição. Esta visualização deixa claro o impacto positivo de aumentos de renda na redução dos índices de desnutrição. Regiões que possuem renda per capita de cerca de \$ 800 por ano têm um nível alto da população em desnutrição e, à medida que a renda cresce, observamos uma clara redução desse problema.

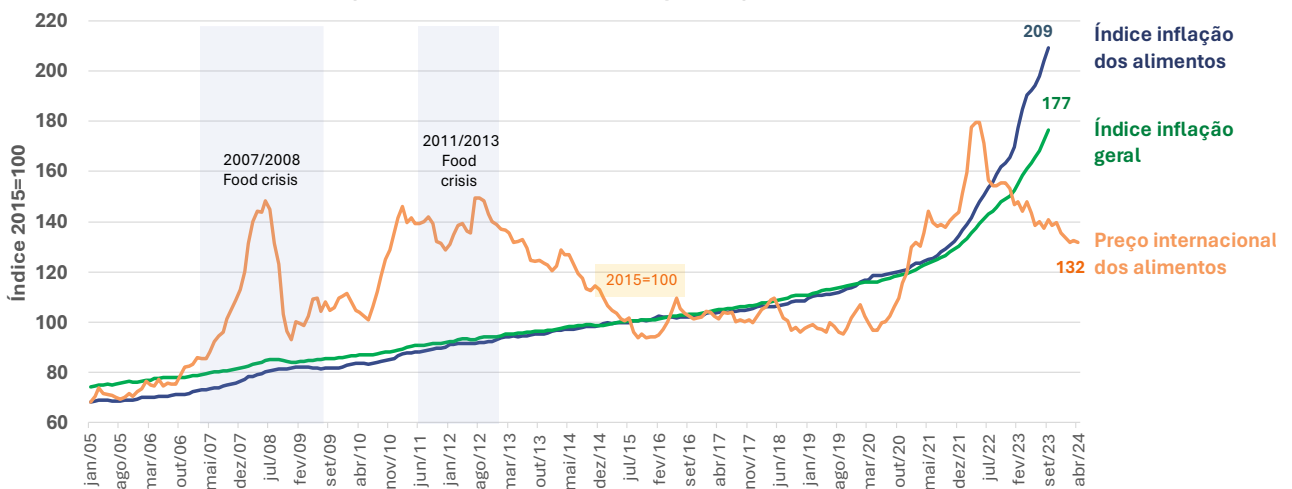
Figura 8. Relação entre a desnutrição (% da população) e a renda per capita (em dólares correntes)



Fonte: Elaborado pelo IICA com base nos dados do Banco Mundial (2024) e FAO (2024). *Nota: valores no eixo horizontal em escala logarítmica.

Recentemente, a questão de segurança alimentar e nutricional no mundo tem se agravado pelo aumento da inflação dos alimentos. De acordo com a figura 9, observa-se que, especialmente a partir de 2020, tanto o índice de inflação geral quanto o índice de inflação de alimentos tiveram um grande salto. A partir de 2022, o índice de alimentos se eleva ainda mais. Esse aumento da inflação teve maior relevância nos alimentos, com o índice duplicando em relação a 2015. No entanto, ao observar os preços internacionais dos alimentos, vemos uma queda desde o começo de 2022, o que demonstra que esses preços não são os únicos motivos da inflação, que também está atrelada às estruturas dos mercados internos e questões de distribuição e acesso aos produtos.

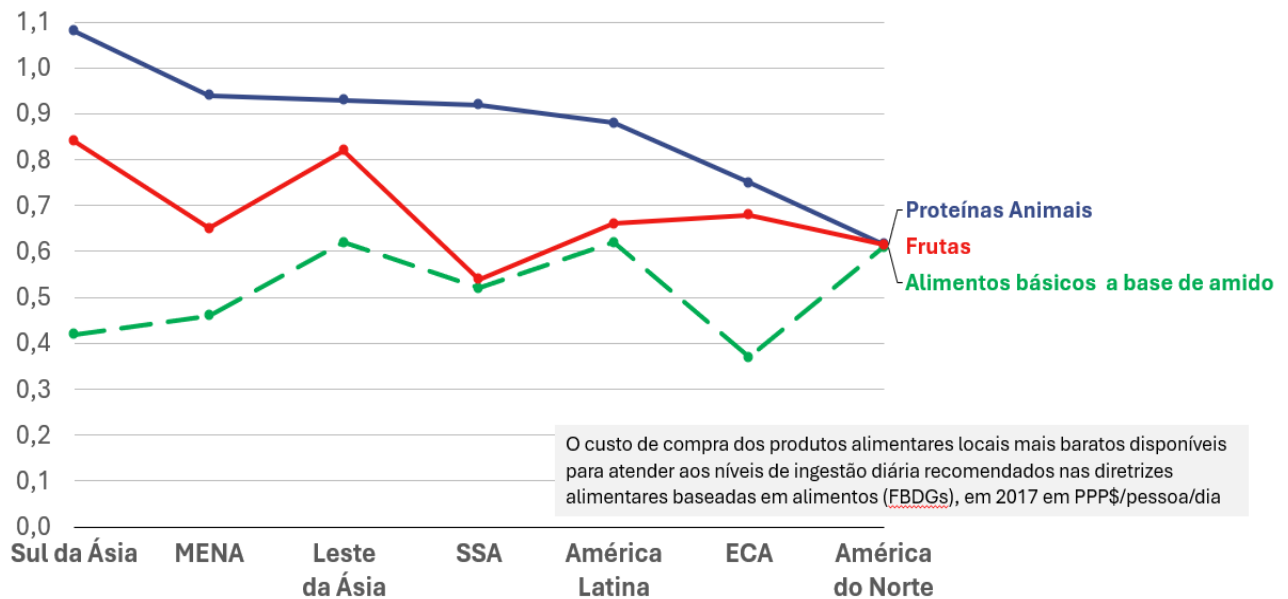
Figura 9. Relação entre inflação geral, inflação dos alimentos e o preço internacional dos alimentos (número índice, 2015 = 100)



Fonte: Elaborado pelo IICA com base nos dados do IMF (2024) e FAO (2024). Nota: dados de inflação disponíveis até setembro de 2023

A figura 10 demonstra que o preço de alimentos mais perecíveis, como os de fonte animal e frutas, é mais alto em regiões emergentes da Ásia e África. Por outro lado, o preço dos alimentos básicos, como cereais e tubérculos, não varia muito de região para região. Esse fato indica um menor acesso a dietas diversificadas em regiões mais pobres do mundo e com maior prevalência de população em insegurança alimentar e desnutrição.

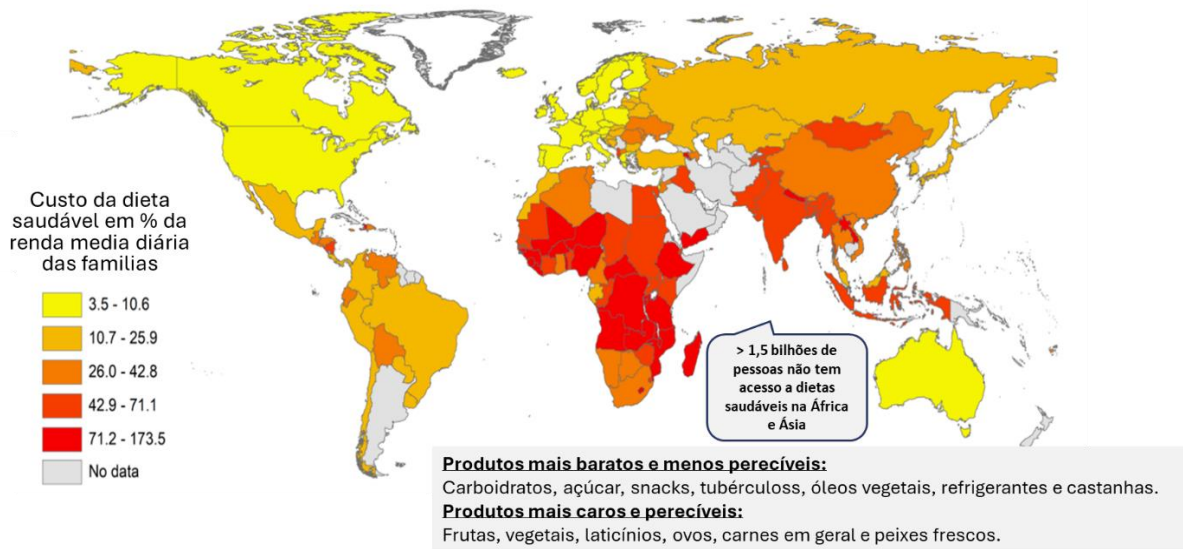
Figura 10. Preço dos alimentos em diferentes regiões do mundo (valores em PPP\$/pessoa/dia em valores de 2017)



Fonte: Elaborado pelo Insper Agro Global com base nos dados da FAO. Nota: MENA representa o Oriente Médio e o Norte da África, SSA representa a África Subsaariana; PPP\$ é paridade do poder de compra, uma taxa de conversão monetária usada para expressar os poderes de compra de diferentes moedas em unidades comuns.

A figura 11, que integra um estudo conduzido por Derek Headey no IFPRI (2011), demonstra que a desnutrição e a insegurança alimentar apresentam maior ocorrência em países em desenvolvimento da África e Ásia, onde o custo da dieta saudável em relação à renda média doméstica das famílias é maior. Em grande parte dos países dessas regiões, o gasto para ter acesso a uma dieta saudável representa de 26% a mais de 100% da renda doméstica familiar. Por outro lado, nos países desenvolvidos da América do Norte, Europa e Oceania, os custos da alimentação saudável são pequenos em comparação com a renda média da população.

Figura 11. O custo da dieta saudável em relação à renda média diária das famílias (em percentual)



Fonte: Extraídos da apresentação de Derek Headey (2011), pesquisador chefe do IFPRI. Nota: Estimado com base nos dados de preços de alimentos ao consumidor do ICP para a dieta saudável de referência EAT-Lancet (2011).

3. O papel do comércio internacional na segurança alimentar global

Nos últimos anos, o cenário global tem testemunhado um aumento significativo no protecionismo comercial, além de discursos que reforçam propostas de autossuficiência alimentar e soberania nacional. Muitos países, em uma tentativa de proteger suas economias locais e garantir abastecimento, têm implementado políticas que limitam o comércio de alimentos. No entanto, o comércio internacional desempenha um papel crucial na segurança alimentar e nutricional mundial ao conectar os sistemas agroalimentares e regiões com déficits e superávits, assim como potencializar a formação de cadeias mais sustentáveis. As sete principais funcionalidades do comércio exterior são:

- Redistribuição da produção de alimentos:** o comércio permite complementaridade e disponibilidade global, aumentando tanto a quantidade quanto a qualidade dos produtos. Além disso, ajuda a neutralizar choques negativos como mudanças climáticas e doenças, garantindo uma oferta mais estável e confiável de alimentos em todo o mundo.
- Diversidade de opções alimentares:** resulta em uma maior variedade de alimentos disponíveis para os consumidores, promovendo a diversificação da dieta. Isso não só melhora a nutrição, mas também torna as refeições mais interessantes e variadas.
- Estabilização de preços:** possibilita que alimentos sejam mais acessíveis para populações vulneráveis, reduzindo os efeitos de choques temporários que poderiam inflacionar os preços e dificultar o acesso aos alimentos básicos. A título de exemplo, pode-se citar a grande quebra de safra de soja argentina dos últimos dois anos ocasionada por uma seca persistente no país, cujos efeitos foram suavizados pela produção recorde de soja no Brasil em 2022/23.

- d) **Combate à fome e à desnutrição:** o comércio internacional melhora a saúde e o bem-estar geral das populações. Além disso, cria oportunidades de emprego e renda, especialmente em áreas rurais onde a agricultura é uma importante fonte de sustento.
- e) **Melhores padrões de segurança e saúde:** garante o consumo de alimentos seguros através de sistemas regulados. Isso protege os consumidores contra riscos alimentares e contribui para a saúde pública.
- f) **Aumento da produtividade agrícola:** o comércio internacional gera maior renda aos agricultores e tem a capacidade de difundir tecnologias e melhores práticas agrícolas. Esses fatores impulsionam a eficiência e a sustentabilidade da produção.
- g) **Alocação eficiente de recursos:** permite que a produção ocorra em regiões mais produtivas e sustentáveis, mitigando interrupções no fornecimento devido a fatores climáticos. Isso garante um uso mais racional dos recursos naturais e promove a sustentabilidade ambiental.

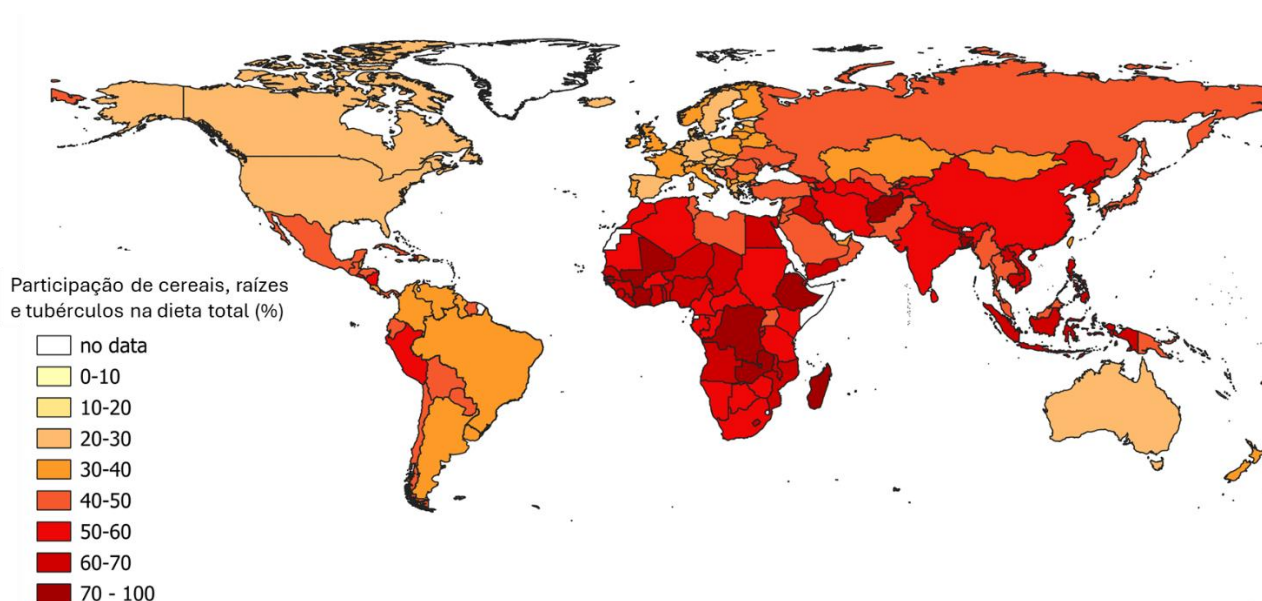
4. Estrutura e tendências do mercado internacional de alimentos

Como apontado anteriormente, o comércio internacional é importante para redistribuir a produção de alimentos no mundo, sendo essencial para a complementariedade e disponibilidade de produtos agropecuários. Ele é capaz de conectar sistemas alimentares nacionais deficitários e superavitários, além de explorar preferências e vantagens comparativas entre os países.

A figura 12 apresenta o quadro mundial da dependência de alimentos básicos ricos em amido – como cereais, raízes e tubérculos – na dieta de cada país, em quilocalorias per capita por dia no ano de 2019. Esses alimentos são mais baratos e acessíveis e o mapa mostra que há uma maior participação desse grupo de alimentos na dieta das populações em países em desenvolvimento. A Ásia é a região com a maior média de dependência de alimentos básicos ricos em amido, seguida pela África Subsaariana, ambas da ordem de 50%.

Em contrapartida, países da América Latina, Oceania e da Europa não têm uma alta participação desse grupo de alimentos em suas dietas. Nessas regiões, a dependência alimentar de produtos desse gênero não ultrapassa 32%, sendo que a Oceania apresenta a menor parcela entre todas as regiões atingindo 20%. O contexto da América Latina é distinto de outras regiões em desenvolvimento, pois apresenta maior diversidade de alimentos (a região é a mais superavitária na exportação de produtos agroalimentares, como será apresentado mais adiante).

Figura 12. Mapa mundial da dependência de alimentos básicos ricos em amido* (em porcentagem relativa à dieta total per capita diária em quilocalorias, em 2019)

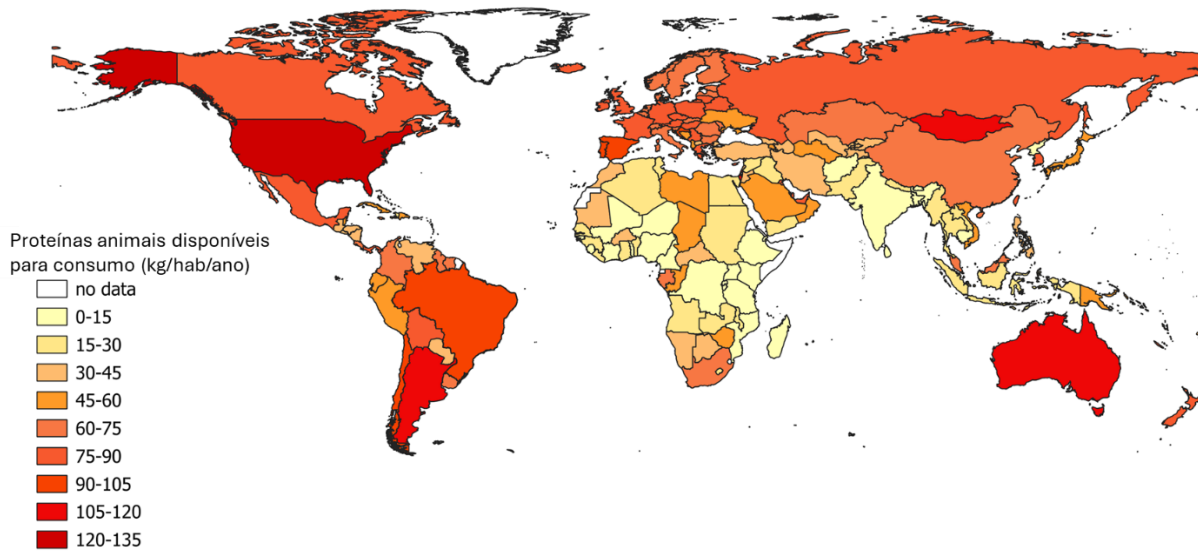


Fonte: elaborado pelo Insper Agro Global com base nos dados da FAOSTAT (2024). *Nota: O indicador expressa o fornecimento de energia (em kcal/caput/dia) fornecido por **cereais, raízes e tubérculos** como uma porcentagem do Fornecimento Energético Dietético (DES) total (em kcal/cap/dia), calculado a partir dos países correspondentes nos balanços alimentares do FAOSTAT.

No contexto das carnes, o padrão de consumo se altera. Regiões com renda per capita maior ou que são grandes exportadoras de carnes possuem maior disponibilidade para o consumo. É o caso de países como Estados Unidos, Austrália e Argentina, que possuem uma disponibilidade per capita de carnes de mais de 115 kg. Em média, o Brasil tinha à sua disposição para o consumo doméstico 98,8 kg de carnes em 2021.

O mapa da figura 13 mostra que países localizados na África Subsaariana e no Sul da Ásia são os mais afetados, com uma disponibilidade média de proteínas animais para o consumo de 20 e 14 kg per capita ao ano. Isso decorre de um problema de desenvolvimento econômico, uma vez que países em desenvolvimento têm pior infraestrutura para lidar com refrigeração de produtos perecíveis, como as carnes, e a população não possui renda disponível suficiente para adquirir esses alimentos de maior valor.

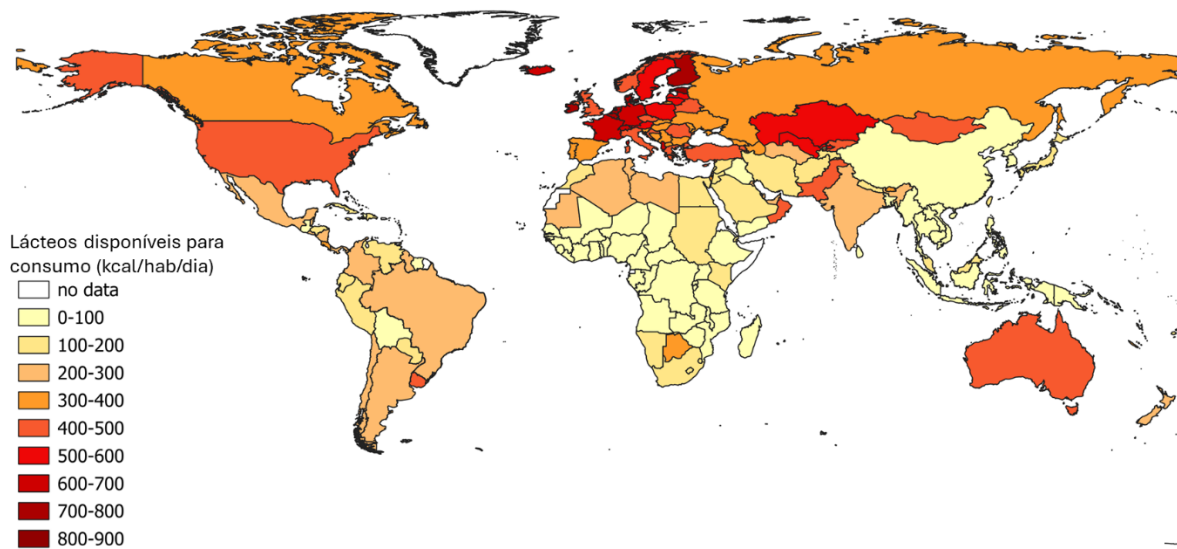
Figura 13. Mapa mundial da disponibilidade de carnes para consumo (em quilogramas per capita, em 2021)



Fonte: elaborado pelo Insper Agro Global com base nos dados da FAOSTAT (2024). Nota: as carnes incluídas no mapa são a bovina, suína, de frango e de ovinos.

Esse padrão de consumo se repete para os laticínios pelos mesmos motivos apontados anteriormente. A União Europeia e o Reino Unido possuem a maior disponibilidade média para o consumo diário de laticínios do mundo, o correspondente a 526 quilocalorias per capita. Em seguida, os Estados Unidos possuem uma larga disponibilidade desse produto, com aproximadamente 459 quilocalorias per capita por dia.

Figura 14. Mapa mundial da disponibilidade de laticínios para consumo (em quilocalorias per capita por dia, em 2021)

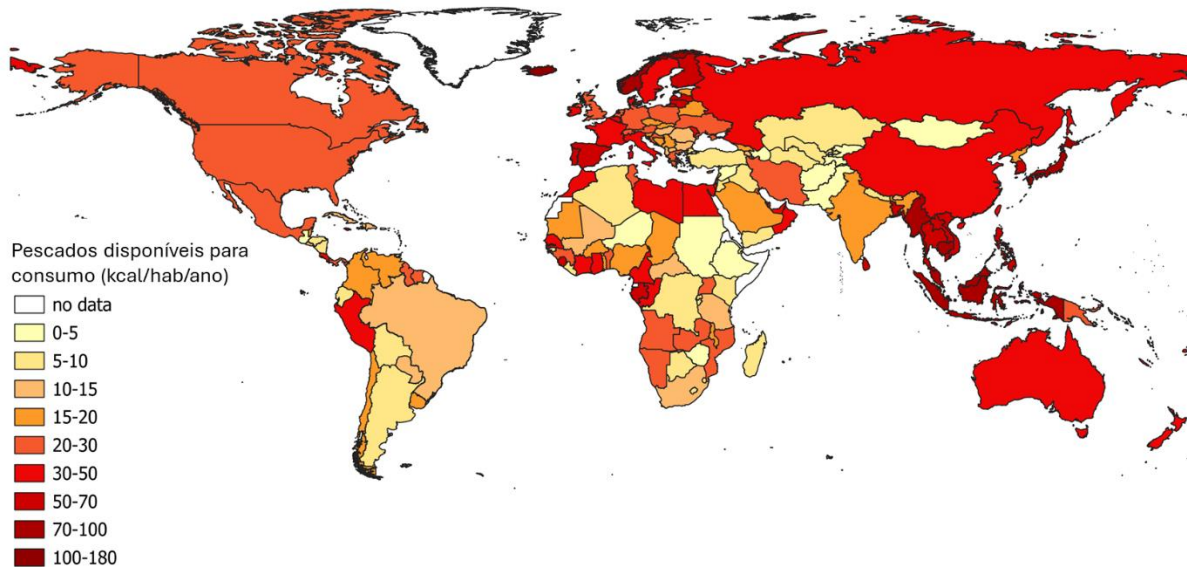


Fonte: elaborado pelo Insper Agro Global com base nos dados da FAOSTAT (2024). Nota: os produtos laticínios incluídos são leite, creme de leite e manteiga.

O cenário para os pescados já é mais balanceado do que os outros produtos. Para esse alimento, questões como geografia e preferências são mais relevantes para determinar quais regiões possuem uma oferta maior de pescados para consumo. Por

exemplo, verifica-se que países de regiões do Sudeste Asiático, do Sul da Ásia e da Oceania detêm uma maior disponibilidade, em média igual a 45,37 quilocalorias per capita diária, se considerarmos as três regiões juntas. Historicamente, os países dessas áreas do globo são grandes produtores de pescados, o que lhes garante oferta suficiente para abastecer o consumo doméstico.

Figura 15. Mapa mundial da disponibilidade de pescados para consumo (em quilocalorias per capita por dia, em 2021)



Fonte: elaborado pelo Insper Agro Global com base nos dados da FAOSTAT (2024). Nota: a cesta de pescados da FAO inclui peixes de água doce, peixes demersais, peixes de água salgada e outros.

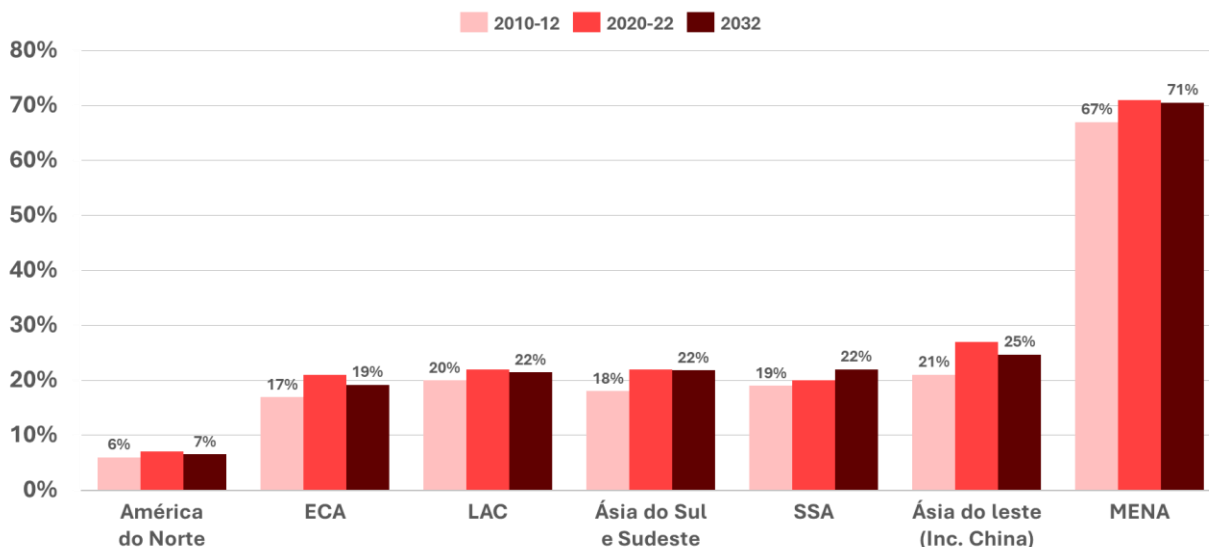
Com relação à oferta interna de alimentos de cada país, há regiões mais dependentes de importações de alimentos ou mais especializadas em exportações, com grande produção de excedentes. Segundo dados da FAO, na região do MENA, onde predomina um forte crescimento da população combinado com grandes restrições de uso de água e disponibilidade de terras aráveis, observa-se uma tendência de aumento da dependência por importações de alimentos.

De acordo com a figura 16, a previsão é que, até 2032, a parcela importada do consumo de alimentos alcançará uma fatia de 71% na região do MENA. Em contrapartida, regiões produtoras de alimentos, como a América Latina e a América do Norte, tendem a exportar a maior parte da sua produção, conforme se verifica na figura 17. O papel do comércio internacional para a segurança alimentar torna-se ainda mais fundamental, ao observar que os países superavitários e deficitários tendem a reforçar suas posições atuais e que não há uma distribuição igualitária de recursos necessários para a produção de alimentos adequados e diversificados em todo o mundo.

Além disso, como mostrado anteriormente, por fatores domésticos que influenciam a demanda e a oferta de certos produtos agropecuários, alguns alimentos também serão mais comercializados do que outros para completar o consumo doméstico. O café é o produto mais comercializável entre uma cesta de produtos selecionada, uma vez que a sua relação entre importações e consumo é a maior, com aproximadamente 82% de todo o café consumido no mundo vindo de importações. Em seguida vem o grão de soja, com 44% no período entre 2020 e 2023. Enquanto

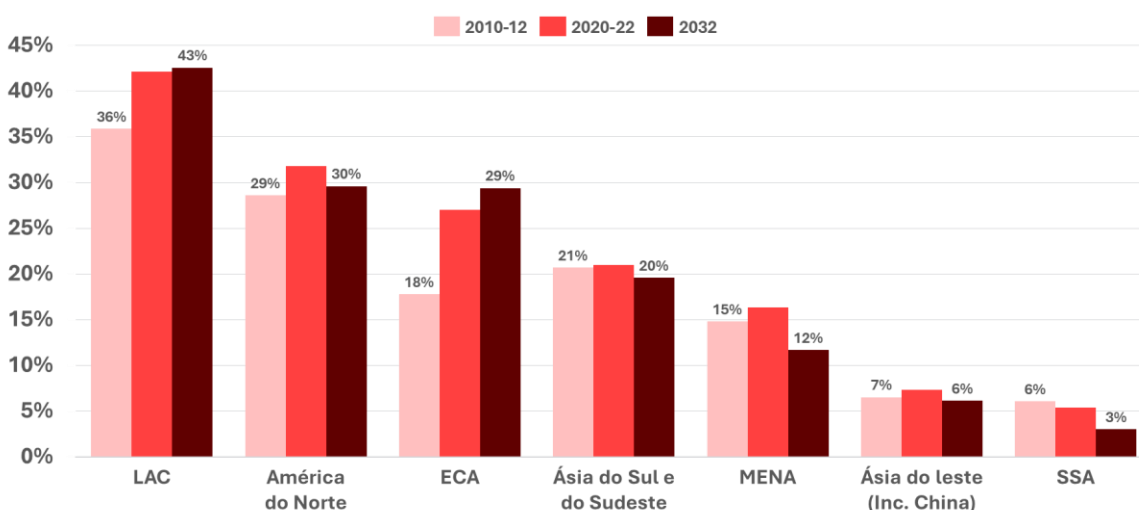
isso, produtos que tendem a ser mais perecíveis, como frutas e carnes, estão entre menos importados para completar o consumo interno dos países. Por exemplo, no mesmo período, apenas 10% do total consumido de carne suína no mundo foi originado de importações. Outros produtos, como o milho e o arroz, que contam com políticas estratégicas em certos países visando à autossuficiência, igualmente se encontram na categoria de produtos menos comercializáveis, como demonstrado pela figura 18.

Figura 16. Participação das importações no consumo doméstico de alimentos por região (percentual relativo a valores em calorias equivalentes, entre 2010 e 2032)



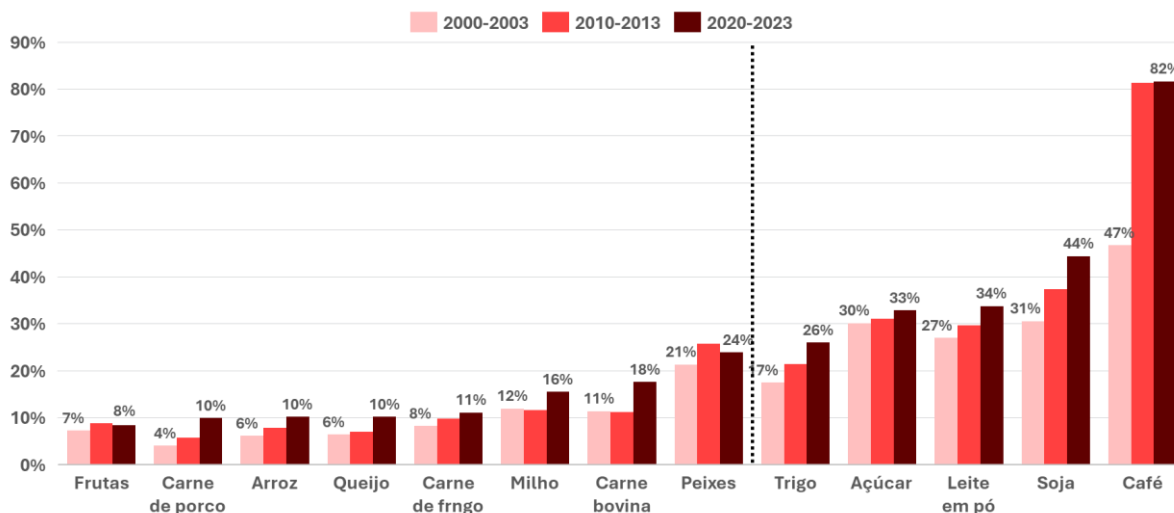
Fonte: elaborado pelo Insper Agro Global com base nos dados do relatório *OECD-FAO Agricultural Outlook 2023-2032*. Nota: SSA: Subsaharan-Africa; ECA: Europe and Central Asia; MENA: Middle East and North Africa.

Figura 17. Participação das exportações na produção doméstica de alimentos por região (percentual relativo a valores em calorias equivalentes, entre 2010 e 2032)



Fonte: elaborado pelo Insper Agro Global com base nos dados do relatório *OECD-FAO Agricultural Outlook 2023-2032*. Nota: SSA: Subsaharan-Africa; ECA: Europe and Central Asia; MENA: Middle East and North Africa.

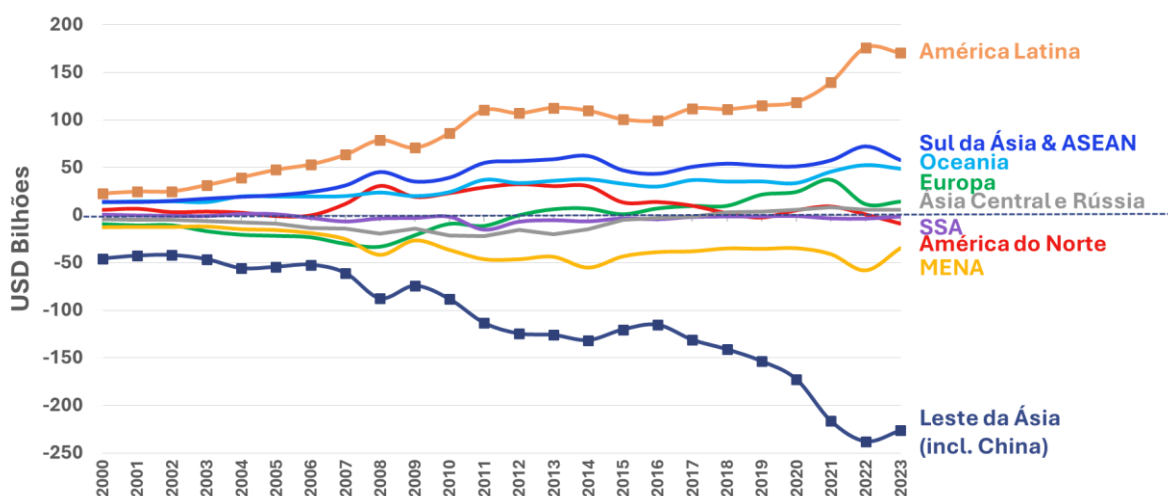
Figura 18. Participação das importações no consumo doméstico mundial de alimentos por produto (em percentual relativo à quantidade em toneladas, entre 2000 e 2023)



Fonte: elaborado pelo Insper Agro Global com base nos dados do USDA PSD (2024). Nota: os rótulos correspondem à relação média entre importações e consumo doméstico para o período indicado. Para as “Frutas”, calculou-se com base em uma cesta de frutas contendo maçãs, cerejas, toranjas, uvas, limões, laranjas, pêssegos, peras e tangerinas.

A figura 19 ilustra a dinâmica do comércio internacional de alimentos entre as principais regiões do mundo. Ao longo dos últimos vinte anos, a América Latina consolidou-se como maior fornecedora líquida de alimentos, com um saldo comercial agrícola aproximadamente equivalente a US\$ 170 bilhões em 2023, enquanto o Leste Asiático configurou-se como maior comprador líquido, com uma posição deficitária de aproximadamente US\$ 226 bilhões. Entre essas duas regiões, temos aquelas que são superavitárias, como a Oceania, o Sudeste Asiático, a Europa e a Ásia Central (Rússia inclusa), e outras hoje deficitárias, como MENA, América do Norte e África Subsaariana.

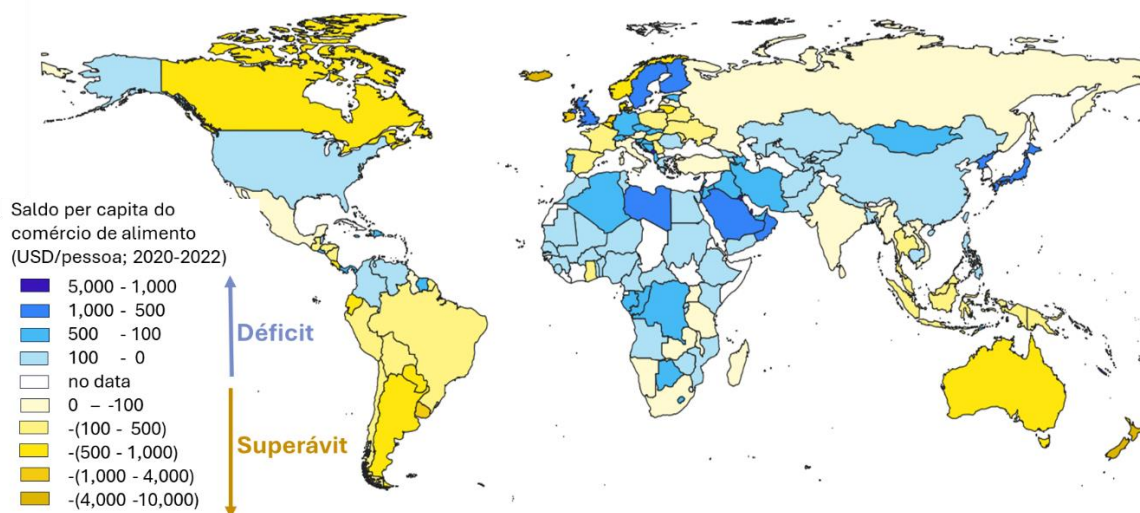
Figura 19. Saldo comercial de alimentos no mundo, por região (em bilhões de dólares correntes, entre 2000 e 2023)



Fonte: elaborado pelo Insper Agro Global com base nos dados do UN Comtrade e do TDM (2024). Nota: SSA: Subsaarian-Africa; ECA: Europe and Central Asia; MENA: Middle East and North Africa.

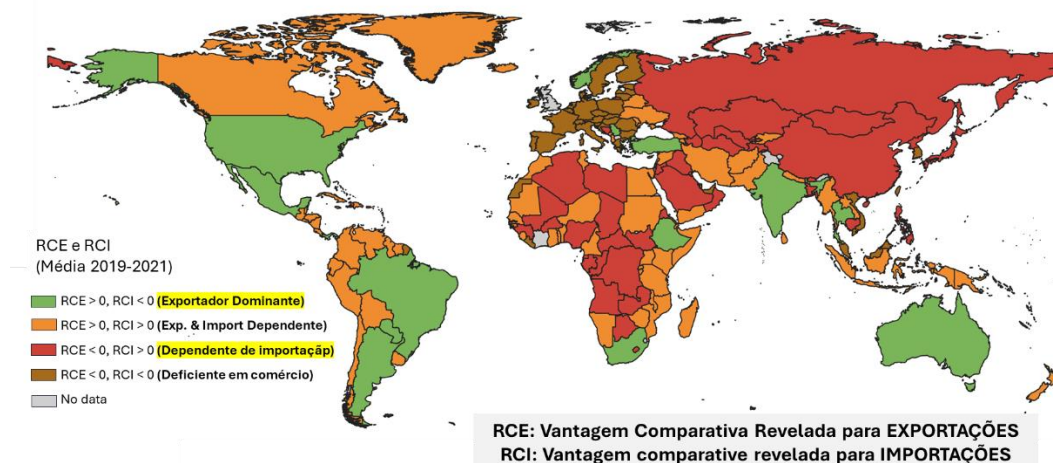
Esse quadro pode ser observado de forma mais detalhada pelo mapa da figura 20. Observa-se novamente que países do Oriente Médio, África e Leste Asiático estão entre as maiores nações em termos de importações líquidas per capita, enquanto as localizadas na América Latina e Oceania são exportadoras líquidas per capita de alimentos. No entanto, mesmo para aqueles países que são importadores líquidos, isso não significa que eles não são especializados em importações de produtos agropecuários. Como se observa no mapa da figura 21, os EUA apresentam-se como exportadores dominantes e altamente competitivos de alimentos, ao lado de Brasil, Austrália, Argentina e outros. Enquanto isso, países como China, Japão e aqueles localizados na África Subsaariana estão entre os mais dependentes de importações de alimentos, por possuírem uma vantagem comparativa revelada negativa para exportações e uma vantagem comparativa revelada positiva para importações.

Figura 20: Saldo comercial per capita médio de alimentos por país (em bilhões de dólares correntes per capita, entre 2020 e 2022)



Fonte: elaborado pelo OPSAA (IICA) com base nos dados da OMC e do Banco Mundial. **Nota:** os alimentos incluídos são peixe (03) e outros produtos alimentares (00, 01, 02, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 22, 44).

Figura 21: Países com maior capacidade para exportações e países com maior dependência de importações (média entre 2019 e 2021)



Fonte: elaborado por OPSAA (IICA) com base em dados espelhados do Trade Data Monitor (2024). **Nota:** Metodologia em <https://repositorio.iica.int/handle/11324/7709> e definição de alimentos em USDA/ERS:

<https://www.ers.usda.gov/data-products/us-food-imports/documentation/>. Explore os dados em <https://opsaa.iica.int/commerce>

5. Considerações finais e recomendações de políticas

O comércio desempenha um papel relevante para garantir uma melhoria nos padrões de segurança alimentar e nutricional global. Em um mundo interconectado, onde as cadeias de suprimento alimentar atravessam fronteiras nacionais, as políticas públicas desempenham um papel crucial na garantia de que os alimentos cheguem aos locais onde são mais necessários, a preços acessíveis.

Ao longo dos últimos anos, fatores como a pandemia da covid-19, conflitos e guerras e um maior nível de disputas e restrições comerciais provocaram a elevação dos preços dos alimentos e uma maior insegurança alimentar em nível global. Verifica-se a necessidade de um urgente ordenamento global no comércio de alimentos, no sentido de promover políticas que não apenas facilitem a movimentação de produtos alimentícios, mas que também busquem a estabilidade dos mercados, reduzam a volatilidade dos preços e incentivem práticas agrícolas mais sustentáveis.

A partir desse contexto, apresentamos abaixo uma relação de políticas direcionadas a fortalecer o comércio internacional e, por consequência, a segurança alimentar global. A apresentação foi dividida em três pilares fundamentais: (1) Governança Multilateral; (2) Políticas Comerciais Nacionais; (3) Políticas Macroeconômicas e Setoriais.

1) Governança Multilateral

- I. **Reforçar o papel central da OMC:** reafirmar o papel crucial da OMC na manutenção de um sistema de comércio equitativo e sustentável, incluindo processos relacionados à ação climática e transformação digital;
- II. **Aprimorar o sistema de solução de controvérsias da OMC:** buscar um sistema de resolução de controvérsias da OMC mais operacional e eficaz;
- III. **Concluir negociações agrícolas:** finalizar as negociações sobre estoques de segurança alimentar, apoio interno e acesso aos mercados;
- IV. **Limitar restrições às exportações em emergências:** buscar acordos para facilitar as exportações de bens essenciais durante crises;
- V. **Aprimorar negociações comerciais com transparência de dados:** melhorar as negociações comerciais com transparência de dados agrícolas e compartilhamento de informações;
- VI. **Engajar no reconhecimento mútuo e equivalência de medidas baseadas em ciência no acordo sobre medidas sanitárias e fitossanitárias (SPS) e barreiras técnicas ao comércio (TBT),** reduzindo a aplicação de medidas de defesa comercial;
- VII. **Avançar nos acordos plurilaterais:** a OMC deve reconhecer que o princípio do "compromisso único" (*single undertaking*) não está mais produzindo os resultados necessários. A organização deveria promover negociações plurilaterais paralelas como alternativa;

- VIII. **Desenvolver a capacidade comercial em países em desenvolvimento:** descentralizar a função de assistência técnica e treinamento da OMC de Genebra para diferentes regiões do Sul Global.

2) Políticas Comerciais Nacionais

- I. **Reduzir barreiras comerciais:** reduzir tarifas e barreiras não tarifárias no comércio agrícola, simplificando e agilizando a logística de abastecimento de alimentos e minimizando custos relacionados ao comércio;
- II. **Digitalização e convergência regulatória:** aumentar a digitalização nos requisitos de origem, alinhar padrões sanitários para reduzir custos comerciais e padronizar normas técnicas e fitossanitárias;
- III. **Promover políticas comerciais abrangentes:** desenvolver políticas que apoiem a eficiência do comércio, padrões de saúde e segurança, e sustentabilidade ambiental;
- IV. **Alavancar acordos comerciais:** utilizar acordos comerciais preferenciais para melhorar a integração de mercados e simplificar as regras de origem para melhor acesso aos mercados;
- V. **Padrões ambientais e comércio:** a cooperação internacional e o financiamento podem reduzir restrições ambientais que têm afetado negativamente o comércio de alimentos.

3) Políticas Macroeconômicas e Setoriais

- I. **Implementar políticas fiscais, monetárias e cambiais:** desenvolver políticas que são cruciais na determinação do saldo comercial e da balança de pagamentos;
- II. **Otimizar o uso dos ativos do país:** utilizar recursos naturais, tecnologia, localização e capital humano para melhorar o alcance e a eficiência de mercado;
- III. **Promover upgrades de tecnologia e infraestrutura:** impulsionar a produtividade e a resiliência por meio da modernização tecnológica e de infraestrutura;
- IV. **Alinhar subsídios e auxílios domésticos com metas sustentáveis de segurança alimentar:** minimizar distorções de mercado alinhando subsídios com objetivos sustentáveis de segurança alimentar;
- V. **Fortalecer a promoção do comércio nacional:** aprimorar a tecnologia e desenvolver capacidades para pequenas e médias empresas, visando melhorar o acesso aos mercados globais;
- VI. **Incentivar padrões ambientais e sustentáveis:** promover investimentos verdes, práticas sustentáveis e abordar questões ambientais que afetam o comércio;

- VII. **Facilitar o comércio regional de alimentos:** investir em infraestrutura, estabelecer padrões comuns e firmar acordos para facilitar o comércio regional de alimentos;
- VIII. **Adotar um conceito e posição uniformes para Sistemas Alimentares Sustentáveis (SFS):** promover o comércio internacional, envolvendo assistência financeira para sua realização.¹⁵

Referências

Diaz-Bonilla, E. Qué es seguridad alimentaria y nutricional y cómo medirla? Instituto Interamericano de Cooperación para la Agricultura (IICA), 2023.

Global Network Against Food Crises (GNAFC). The Global Report on Food Crises, 2024. Disponível em: <https://www.fsinplatform.org/report/global-report-food-crises-2024/> Acesso em 28 de junho de 2024.

Banco Mundial. GDP per capita. World Bank Open Data, 2024. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.PCAP.PP.CD?skipRedirection=true&view=map> Acesso em 28 de junho de 2024.

Food and agriculture organization of the United Nations (FAO). Hunger and food insecurity, 2024. Disponível em: <https://www.fao.org/hunger/en/> Acesso em 28 de junho de 2024.

Food and agriculture organization of the United Nations (FAO). FAO Food Price Index, 2024. Disponível em: <https://www.fao.org/worldfoodsituation/foodpricesindex/en/> Acesso em 28 de junho de 2024.

Food and agriculture organization of the United Nations (FAO). Global Individual Food Consumption Data Tool, 2024. Disponível em: <https://www.fao.org/gift-individual-food-consumption/en> Acesso em 28 de junho de 2024.

International Monetary Fund. World Economic Outlook, 2024. Disponível em: <https://www.imf.org/external/datamapper/PCPIPCH@WEO/OEMDC/ADVEC/WEOWORLD> Acesso em 28 de junho de 2024.

United States Department of Agriculture (USDA). Production, supply and distribution (PSD) – data, 2024. Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/app/index.html#/app/home> Acesso em 28 de junho de 2024.

¹⁵ Parte destas recomendações vieram de textos e discussão da task force 4 do T20.

Publicação: 01 de julho de 2024

Expediente

[INSPER – Centro de Agronegócio Global](#)

[IICA - Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura](#)

Apoiadores institucionais do Insper Agro Global



MSD
Saúde Animal



Contato

*leandrog3@insper.edu.br